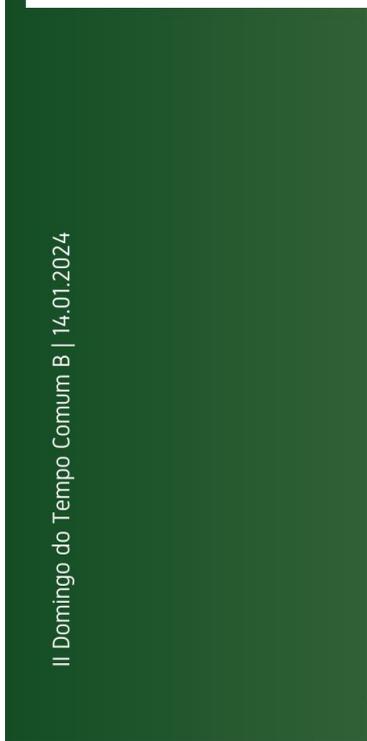




ESTE É O TEMPO DE PROCURAR, ENCONTRAR E SEGUIR JESUS!



II Domingo do Tempo Comum B | 14.01.2024

PAROQUIA
GUIFOES
SÃO MARCELO



RITOS INICIAIS

Entrada

P. Com o mês de janeiro, quase a meio, deixámos o calor das festas e enfrentamos o frio destes dias, os dias do nosso quotidiano. É um tempo para crescer no conhecimento e na amizade com Cristo. Aquele Jesus que Se manifestou outrora no Presépio e nas águas do Rio Jordão é agora indicado por João Batista aos seus discípulos como «*o Cordeiro de Deus*». Nesta Eucaristia, Ele oferece-Se e dá a Vida por nós. E, na humildade da Sua entrega, chama-nos a procurá-l'O, a encontrá-l'O e segui-l'O, de corpo e alma.

Ato Penitencial

P. Porque, muitas vezes, a rotina da nossa prática religiosa e os ruídos à nossa volta nos impedem de escutar e de discernir a voz do Senhor, que está à porta do coração e nos chama a entrar na Sua morada, invoquemos a Sua misericórdia.

Kyrie

P. Senhor, Palavra do Pai, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, Mestre da Verdade, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, Cordeiro de Deus, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Hino do Glória

Oração coleta

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura

Nas Missas com Catequese proclama-se a 1.ª leitura a vozes:

Narrador (Leitor 1)

Heli (Pároco)

Samuel (Leitor 2: um Acólito)

Narrador: Leitura do Primeiro Livro de Samuel.

Naqueles dias, Samuel dormia no templo do Senhor, onde se encontrava a arca de Deus. O Senhor chamou Samuel e ele respondeu:

Samuel: «Aqui estou».

Narrador: E, correndo para junto de Heli, disse:

Samuel: «Aqui estou, porque me chamaste».

Narrador: Mas Heli respondeu:

Heli: «Eu não te chamei; torna a deitar-te».

Narrador: E ele foi deitar-se. O Senhor voltou a chamar Samuel. Samuel levantou-se, foi ter com Heli e disse:

Samuel: «Aqui estou, porque me chamaste».

Narrador: Heli respondeu:

Heli: «Não te chamei, meu filho; torna a deitar-te».

Narrador: Samuel ainda não conhecia o Senhor, porque, até então, nunca se lhe tinha manifestado a palavra do Senhor. O Senhor chamou Samuel pela terceira vez. Ele levantou-se, foi ter com Heli e disse:

Samuel: «Aqui estou, porque me chamaste».

Narrador: Então Heli compreendeu que era o Senhor que chamava pelo jovem. Disse Heli a Samuel:

Heli: «Vai deitar-te; e se te chamarem outra vez, responde: ‘Falai, Senhor, que o vosso servo escuta’».

Narrador: Samuel voltou para o seu lugar e deitou-se. O Senhor veio, aproximou-se e chamou como das outras vezes: «*Samuel, Samuel!*». E Samuel respondeu:

Samuel: «Falai, Senhor, que o vosso servo escuta».

Narrador: Samuel foi crescendo; o Senhor estava com ele e nenhuma das suas palavras deixou de cumprir-se.

Narrador: Palavra do Senhor.

R. Graças a Deus.

Salmo:

Nas Missas com Catequese, cantar apenas a 2.^a e 3.^a estrofes

2.^a leitura:

Nas Missas, com Catequese, ao sábado, omite-se a 2.^a leitura

Aclamação ao Evangelho: Aleluia...

Evangelho

Nas Missas com Catequese proclama-se o Evangelho a vozes:

Narrador – Diácono

Jesus – Pároco

Leitor 1 – João Batista

Leitor 2 – André

Leitor 3 – João Evangelista

Diácono - Narrador: Evangelho de N.S,J.C., segundo São João.

R. Glória a Vós, Senhor.

Diácono - Narrador: Naquele tempo, estava João Baptista com dois dos seus discípulos e, vendo Jesus que passava, disse:

Leitor 1 - João Batista: «Eis o Cordeiro de Deus».

Diácono - Narrador: Os dois discípulos ouviram-no dizer aquelas palavras e seguiram Jesus. Entretanto, Jesus voltou-Se; e, ao ver que O seguiam, disse-lhes:

Pároco - Jesus: «Que procurais?».

Diácono - Narrador: Eles responderam:

Leitor 2 e 3: André e João: «Rabi, nosso ‘Mestre’, onde moras?».

Diácono - Narrador: Disse-lhes Jesus:

Pároco - Jesus: «Vinde ver».

Diácono - Narrador: Eles foram ver onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Era por volta das quatro horas da tarde. André, irmão de Simão Pedro, foi um dos que ouviram João e seguiram Jesus. Foi procurar primeiro seu irmão Simão e disse-lhe:

André – Leitor 2: «Encontrámos o Messias» – que quer dizer ‘Cristo’ –;

Diácono - Narrador: E levou-o a Jesus. Fitando os olhos nele, Jesus disse-lhe:

Pároco - Jesus: «Tu és Simão, filho de João. Chamar-te-ás Cefas» – que quer dizer ‘Pedro’.

Diácono - Narrador: Palavra da salvação.

R. Glória a Vós, Senhor.

Homilia no II Domingo Comum B 2024

Entrámos no Tempo Comum, tempo favorável para animar e averiguar o nosso caminho de fé na vida de cada dia. O Evangelho deste domingo ajuda-nos a descobrir a alegria da fé, da vocação e da missão, em três passos fundamentais: ***procurar Jesus, encontrar Jesus, seguir Jesus.***

1. Procurar Jesus! Jesus deixa-Se encontrar por quem O busca, mas para O buscar é preciso mover-se, sair, arriscar, deixar o conforto do sofá, calçar umas sapatilhas e sair à procura! Há que vencer a preguiça de quem não pede mais nada à vida do que a rotina de cada dia! Por isso, Jesus vai direto ao assunto e faz uma pergunta fundamental: «*Que procurais?*». É a mesma pergunta que, na manhã de Páscoa, o Ressuscitado dirigirá a Maria Madalena: «*Mulher, quem procuras?*» (Jo 20, 15). Cada um de nós está em desassossego, sempre em busca, à procura de ir mais alto, mais longe, mais além. Todos andamos em busca de felicidade, de amor, de uma vida bela e repleta de sentido e de alegria. Ora, Deus Pai concedeu-nos tudo isto ao enviar-nos e ao dar-nos seu Filho Jesus. Mas é *isso* que procuramos em Jesus? A pergunta de Jesus pode ser feita nestes termos: “*Que procuras? Qual é o teu desejo mais profundo? O que é que te move? O que é que mais desejas na vida?*”? *Deixa ressoar* e percorrer dentro de ti o caminho das grandes perguntas. *Deixa-te guiar*. Nesta procura de Deus é fundamental encontrar uma verdadeira *testemunha*, que nos guie, uma pessoa que primeiro percorreu o caminho e encontrou o Senhor. Na procura da vontade de Deus, fazem falta mediadores, como Heli junto de Samuel, ou João Batista, junto dos seus discípulos. Fazem falta figuras de referência próximas, credíveis, coerentes e honestas, capazes de manifestar sintonia e oferecer apoio, encorajamento e ajuda, sem fazer pesar o próprio juízo!

Queridos pais e catequistas, professores e demais educadores, digo-vos a vós e a mim mesmo: sejamos verdadeiramente testemunhas de Cristo, para nos tornarmos guias e companheiros dos mais novos, na sua busca de Jesus.

2. Encontrar Jesus! A pergunta dos dois discípulos a Jesus, «*onde moras?*», exprime o desejo de saber onde mora o Mestre, para poderem *estar com Ele*, para se enamorarem d'Ele. Por isso, Jesus não responde: “*Moro em Cafarnaum ou Nazaré*”, mas diz: «*Vinde ver*». Não é um cartão de visita. É um convite para um encontro. Os dois vão com Jesus e naquela tarde permanecem com Ele. Uma coisa nos chama a atenção: um deles, uns sessenta anos depois, escreveu no seu Evangelho: «*era por volta das quatro horas da tarde*». Esquecemos muitos encontros, mas o verdadeiro encontro com Jesus permanece para sempre. Isto significa que o mais urgente, na nossa prática pessoal e pastoral, na catequese, na liturgia, na caridade, é facilitar e proporcionar o encontro com Jesus, o que requer uma atitude de escuta, de oração, de meditação da Palavra de Deus e um desejo ardente de estar presente na sua Casa e de partilhar com Ele a vida, à mesa da Eucaristia.

3. Seguir Jesus! Esta alegria inesquecível do encontro com Cristo transborda do coração dos discípulos, como um rio em cheia. Por isso, André diz a seu irmão Simão: «*Encontrámos o Messias*». Vede: depois do encontro com Jesus, surge espontaneamente o desejo de O comunicar, de O levar aos outros e de levar os outros a Jesus, como quem vive e testemunha uma grande alegria: “encontrei o Senhor, encontrei o Amor, encontrei o Caminho, a Verdade e o sentido da minha vida”. Vivamos com generosidade e alegria a nossa própria vocação e missão, de modo que esta alegria, que brota sempre do encontro com Cristo, desperte em todos o desejo de *procurar Jesus, encontrar Jesus e seguir Jesus...* com alegria... juntos por um caminho novo!

Credo

Oração dos Fiéis

P. Senhor, nosso Deus, em Vós esperamos, com toda a confiança. Por meio do Filho, Cordeiro e Senhor, apresentamos as preces do Vosso povo suplicante, dizendo: **R.** *Falai, Senhor, que o Vosso servo escuta!*

1. Pela Santa Igreja: para que saiba levar Cristo aos outros e os outros a Cristo, facilitando o encontro com Ele, fonte de alegria. Invoquemos. **R.**
2. Pelos que governam: para que sejam capazes de ouvir o grito da Terra e o grito dos pobres, no cuidado atento pelos mais frágeis. Invoquemos. **R.**
3. Pelas nossas famílias: para que se torne cenáculos de oração, autênticas escolas do Evangelho e pequenas Igrejas Domésticas. Invoquemos. **R.**
4. Por todos os servidores da nossa comunidade: para que não sejam simples voluntários, mas se tornem verdadeiros discípulos missionários de Jesus, capazes de O procurar, escutar, seguir e servir. Invoquemos. **R.**
5. Por todos nós, aqui presentes: para que sejamos testemunhas credíveis, capazes de provocar nos outros o desejo de procurar, encontrar e seguir Jesus. Invoquemos. **R.**

P. Senhor, nosso Deus, que sempre atendeis as preces do Vosso povo, concedei-nos o que Vos pedimos com fé. Por Cristo, Nosso Senhor.

R. *Ámen.*

LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Cântico de Ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Dominical I | Santo | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão

RITOS FINAIS

Agenda Pastoral | Guifões

1. Este Domingo, dia 14, às 16h00, na Igreja Paroquial da Senhorada Hora, Concerto da Alegria, com a participação do *Vidi Aquam*; os Tordilhões e o Coro PRS.
2. Pároco ausente, para retiro espiritual, de segunda a sexta-feira.
3. Na quinta-feira, em vez da Missa, há Celebração da Palavra com distribuição da Comunhão eucarística.
4. Adoração Bíblica ao Santíssimo Sacramento, no contexto do Domingo da Palavra, quinta-feira, dia 18, às 21h00, na Igreja Matriz. A celebração será presidida pelo Diácono e promovida pelo Grupo de Jovens. São todos convidados a participar, mas pede-se especialmente aos leitores, Catequistas e Ministros Extraordinários da Comunhão, que, na medida do possível se corresponsabilizem com esta iniciativa, que se desenvolve, no contexto próximo do Domingo da Palavra.
5. Sexta-feira, dia 19, às 21h00, na Igreja Matriz, Oração pelo Cenáculos de Oração missionária, no contexto da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.
6. Sábado, dia 20 de janeiro, às 21h30m, em Leça da Palmeira, apresentação do livro: “*A história de Deus com os homens e dos homens com Deus*”. Este

livro servirá de guia a vários encontros mensais, via zoom e presenciais, de formação bíblica. Este será o 1.º encontro e situa-se no contexto do Domingo da Palavra. Os leitores e catequistas e demais interessados deverão inscrever-se.

7. Nas celebrações dominicais dos dias 20 e 21 de janeiro, todos os fiéis serão convidados a trazer para a celebração da Eucaristia a sua Bíblia.

Agenda Pastoral | Senhora da Hora

1. Este Domingo, dia 14, às 16h00, na Igreja Paroquial da Senhora da Hora, Concerto da Alegria, com a participação do *Vidi Aquam* Coral de Nossa Senhora da Hora; os Tordilhões e o Coro PRS.
2. De segunda a Quinta-feira, não há Eucaristia. Pároco em retiro.
3. Quinta-feira, às 15h00, Adoração Bíblica ao Santíssimo Sacramento, no contexto próximo do Domingo da Palavra.
4. Sábado, dia 20 de janeiro, às 21h30m, em Leça da Palmeira, apresentação do livro: "*A história de Deus com os homens e dos homens com Deus*". Este livro servirá de guia a vários encontros mensais, via zoom e presenciais, de formação bíblica. Este será o 1.º encontro e situa-se no contexto do Domingo da Palavra. Os leitores e catequistas e demais interessados deverão inscrever-se.
5. Nas celebrações dominicais dos dias 20 e 21 de janeiro, todos os fiéis serão convidados a trazer para a celebração da Eucaristia a sua Bíblia.
6. No Domingo, às 18h00. Rito de Admissão dos Catecúmenos (3.º ano e GIC, 2.º ano) e entrega dos Evangelhos aos catecúmenos do 3.º ano.
7. Almoço de Reis, domingo, 21, às 13h00, na cripta da Igreja, organizado pela Comissão de Pais do Agrupamento dos Escuteiros. Inscrições online. Preços variados entre 10 e 6 euros. Mais informações junto dos escuteiros.

Bênção

Despedida

Final: Este é o tempo de procurar, encontrar e seguir Jesus. Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

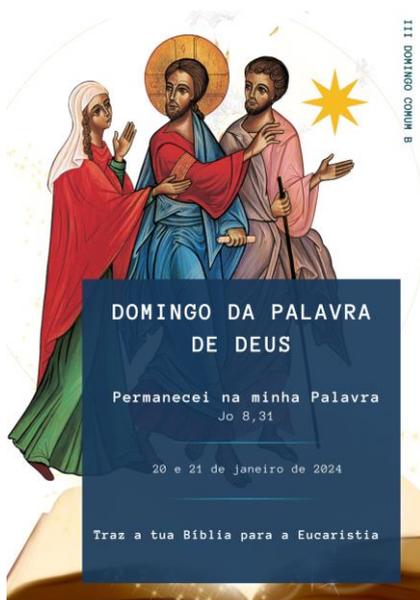
R. Graças a Deus.

Oração para a Bênção da mesa

II Domingo do Tempo Comum B

14.1.2024

Senhor,
vem morar em nossa Casa,
guia-nos com a Tua Palavra,
desperta em nós a fome de Ti.
Somos Templo e morada
do Espírito Santo.
Faz com que não procuremos
apenas o pão de cada dia,
mas busquemos juntos
o segredo da alegria,
o Pão da fraternidade
o Pão da Vida que nos sacia.
Ámen.



OUTRAS HOMILIAS
II DOMINGO COMUM B

Homilia no II Domingo do Tempo Comum B 1994

Dormia no Templo e tudo. Conhecia-lhe os cantos e recantos, via e ouvia os outros rezar e falar. Sempre pronto para o serviço, estava em todas as rezas e orações. Habitado, como ninguém, às palavras, aos sermões, às rezas e às chamadas de serviço... Muito pronto, para Eli, ouviu chamar pelo seu nome e logo respondeu: “aqui estou”! Engano. Samuel era o seu nome. Mais um chamamento e de novo a prontidão: “aqui estou”! Não te chamei, observa Eli. E o jovem acólito, viciado como ninguém nas lides do Templo, andava distraído, ainda não conhecia verdadeiramente o seu Senhor, ainda não distinguia a voz. A Palavra de Deus ainda não lhe tinha sido revelada. O seu conhecimento de Deus era ainda e apenas exterior. E por isso, no meio das palavras, teve dificuldade em distinguir a Voz, em acolher a Palavra. Dada a insistência, Eli compreende que é o Senhor quem chama, e ensina a Samuel as palavras certas: *“Falai, Senhor, que o vosso servo escuta”!*

É a voz de Deus que chama sempre, com insistência e sem desistência. Chama sem cessar. Chama pelo nome. Chama a cada um para uma relação singular, espera uma resposta pessoal. Chama para o diálogo. Chama à comunhão com ele. Toma a iniciativa. Vem, imprevisível, ao encontro de cada homem... E quando acontece esse chamamento, Samuel não percebe. Tem dificuldade em dar-se conta da presença de Deus quando Ele está por perto, a chamar pelo próprio nome. ali, no lugar comum da sua vida. Samuel confunde a voz de Deus com as palavras humanas, julga serem falas dos homens quando é a Palavra silenciosa de Deus a chamar. Tem mais dificuldade em discernir de Quem é a voz do que em se dispor prontamente a escutar. Ajudou-o Eli nesta descoberta e então, percebendo ser a voz de Deus, Samuel acolhe o apelo da Palavra: *“Falai Senhor, que o vosso servo escuta”.*

Creio que esta é a história de muitas histórias. Talvez a história de todos nós, habituados que estamos a encher o Templo com palavras... sem ouvirmos, no silêncio, a voz d'Aquele que nos fala e nos chama. Oíço muito as pessoas dizerem que O escutam. Há demasiadas palavras e pouco silêncio. Muito barulho e pouca escuta. Talvez esteja nesta dificuldade de Samuel retratada a confusão de cada um de nós ao ouvirmos apelos vindos de todos os lados, embrulhados em palavras doces e bem-sonantes. Muitas palavras, muitos apelos, muitas chamadas que o mundo nos oferece. O que nos sobra em palavras de superfície, ocas, vazias, faltamos em vozes de profundidade, em ecos de silêncio, em gestos que falem sem dizer palavra. Invadiu-nos um caudal impúdico de palavras vazias, despidas de espírito e forma, tagarelice fastidiosa e aviltante. E faltaram-nos as vozes. Palavras encarnadas, empenhadas, vividas, sangradas em testemunho. A voz é o rosto das palavras, os olhos das palavras, a verdade das palavras. Cristo Jesus, apenas com um olhar e um aceno no rosto chamou para a sua aventura alguns homens de poucas palavras. E no entusiasmo daquele encontro outros perceberam o mesmo apelo e seguiram-no. Sem discursos, sem programas: "Vinde e vede".

Que este templo, erguido no coração da Cidade, seja refúgio e abrigo para um silêncio profundo. No meio da gritaria das palavras saibamos, aqui colocar o ouvido no chão e escutar a Voz. Que aqui ressoe viva no coração de cada um a voz íntima e cordial do Mestre. Ele nos chama a ser santos, a estar e a permanecer com Ele. Tu que aqui vens, pára, escuta, olha... e segue por onde essa Voz te chamar.

Homília no II Domingo do Tempo Comum B 1994 – São Gonçalo

Dormia no Templo e tudo. Conhecia-lhe os cantos e recantos, via e ouvia os outros rezar e falar. Sempre pronto para o serviço, estava em todas as rezas e orações. Habitado, como ninguém, às palavras, aos sermões, às rezas e às chamadas de serviço... Muito pronto, para Eli, ouviu chamar pelo seu nome e logo respondeu: “aqui estou”! Engano. Samuel era o seu nome. Mais um chamamento e de novo a prontidão: “aqui estou”! Não te chamei, observa Eli. E o jovem acólito, viado como ninguém nas lides do Templo, andava distraído, ainda não conhecia verdadeiramente o seu Senhor, ainda não distinguia a voz. A Palavra de Deus ainda não lhe tinha sido revelada. O seu conhecimento de Deus era ainda e apenas exterior. E por isso, no meio das palavras, teve dificuldade em distinguir a Voz, em acolher a Palavra. Dada a insistência, Eli compreende que é o Senhor quem chama, e ensina a Samuel as palavras certas: “Falai, Senhor, que o vosso servo escuta”! É a voz de Deus que chama sempre, com insistência e sem desistência. Chama sem cessar. Chama pelo nome. Chama a cada um para uma relação singular, espera uma resposta pessoal. Chama para o diálogo. Chama à comunhão com ele. Toma a iniciativa. Vem, imprevisível, ao encontro de cada homem... E quando acontece esse chamamento, Samuel não percebe. Tem dificuldade em dar-se conta da presença de Deus quando Ele está por perto, a chamar pelo próprio nome. Ali, no lugar-comum da sua vida. Samuel confunde a voz de Deus com as palavras humanas, julga serem falas dos homens quando é a Palavra silenciosa de Deus a chamar. Tem mais dificuldade em discernir de Quem é a voz do que em se dispor prontamente a escutar. Ajudou-o Eli nesta descoberta e então, percebendo ser a voz de Deus, Samuel acolhe o apelo da Palavra: “Falai, Senhor, que o vosso servo escuta”.

Creio que esta é a história de muitas histórias. Talvez a história de todos nós, habituados que estamos a encher o Templo com palavras... sem ouvirmos, no silêncio, a voz d'Aquele que nos fala e nos chama. Oíço muito as pessoas dizerem que O escutam. Há demasiadas palavras e pouco silêncio. Muito barulho e pouca escuta. Talvez esteja nesta dificuldade de Samuel retratada a confusão de cada um de nós ao ouvirmos apelos vindos de todos os lados, embrulhados em palavras doces e bem-sonantes. Muitas palavras, muitos apelos, muitas chamadas que o mundo nos oferece. O que nos sobra em palavras de superfície, ocas, vazias, faltamos em vozes de profundidade, em ecos de silêncio, em gestos que falem sem dizer palavra. Invadiu-nos um caudal impúdico de palavras vazias, despidas de espírito e forma, tagarelice fastidiosa e aviltante. E faltaram-nos as vozes. Palavras encamadas, empenhadas, vividas, sangradas em testemunho. A voz é o rosto das palavras, os olhos das palavras, a verdade das palavras. Cristo Jesus, apenas com um olhar e um aceno no rosto chamou para a sua aventura alguns homens de poucas palavras. E no entusiasmo daquele encontro outros perceberam o mesmo apelo e seguiram-no. Sem discursos, sem programas: “Vinde e vede”. Foi assim ao longo da história. Entre muitos, recordemos esse menino do Templo, educado por um sacerdote, desde tenra idade e que um dia, atraído pelo rosto do Crucificado, ouviu a sua Voz e seguiu o mestre. Gonçalo era o seu nome. Tocado pelo olhar de Cristo, diz a história, que logo desde o batismo se enamorou pelo Mestre e que gemia ao ver-se afastado da imagem do Crucificado. De uma nobre família minhota recebia os apelos da militância e das armas, numa época de combates e lutas, quando o país começava a nascer. S. Gonçalo calou falas deste mundo e escutou a Voz do Alto. Seguiu Jesus Cristo no caminho do sacerdócio. E as diversas lendas que se lhe atribuem dão-nos a mais precisa ideia de que S. Gonçalo mantinha uma profunda união a Cristo, que até na sua infância preferia a contemplação da sua Cruz ao leite da sua mãe. Padre e pároco de S. Paio de Riba Vizela, testemunhava o seu seguimento do Mestre numa vida desprendida, numa

partilha fraterna e numa liberalidade desmedida com os pobres. Deixou a casa paroquial e pôs-se a caminho de Roma e Terra Santa, em longos catorze anos, até regressar à paróquia donde partira. Mal recebido pelo próprio sobrinho, percebeu nessa recusa um apelo a um despojamento maior, a continuar a sua vida de peregrino, pregador e eremita. Edifica para si um oratório dedicado à Virgem da Assunção, ao que parece sob o lugar onde agora senta o seu Pe. Gonçalo. Atento à voz de Deus nos apelos da Mãe resolve-se a abraçar a vida religiosa, a ser da ordem dos pregadores, dominicano para o serviço da Igreja. Próximo do seu Povo, aqui se dedicou a estabelecer a unidade entre as pessoas e a refazer e santificar casamentos ilícitos ou em crise. Na ponte de que foi mentor e artista revelou a sua inteira disponibilidade para o serviço dos irmãos e assim testemunhou a sua radical entrega ao Senhor. Nascido em 1187, morreu provavelmente em 1259. Dele não nos ficaram as palavras e os sermões. Dele ficou uma Voz. Uma Voz que chega longe e que de longe chama. De S. Gonçalo ficou mais do que um ensino uma vida, mais do que palavras uma voz, isto é, um testemunho e uma presença que o tempo não pôde calar. Sinto-o por aqui, vivo, pessoal e real, companheiro das minhas horas, confidente das minhas dores e esperanças, poderoso intercessor daqueles que a mim confiam nas lágrimas da sua dor ou da sua reconhecida alegria. Aqui aprendo no silêncio e nas palavras, a escutar e a responder, a ser como Ele Gonçalo, padre e pároco, a fazer a ponte entre Deus e os homens e dos homens entre si. Dele, S. Gonçalo, me vem a paixão por este povo de Amarante e dele a graça de um Templo à medida do meu sonho. Que este templo, erguido no coração da Cidade, seja refúgio e abrigo para um silêncio profundo. No meio da gritaria das palavras saibamos, aqui colocar o ouvido no chão e escutar a Voz. Que aqui ressoe viva no coração de cada um a voz íntima e cordial do Mestre. Ele nos chama a ser santos, a estar e a permanecer com Ele. Tu que aqui vens, pára, escuta, olha... e segue por onde essa Voz te chamar.

Homilia no II Domingo do Tempo Comum B 1997

Era por volta das quatro horas da tarde! João, um dos personagens da cena, indica o pormenor daquela hora. Jamais ele poderia esquecer aquele momento único, como o enamorado não perderá nunca da memória a esquina e a hora em que conheceu o seu verdadeiro e primeiro amor. João di-lo **com precisão**. *Era por volta das quatro horas da tarde*. No poente, o Sol despedia-se com o sorriso e a promessa de voltar. Guardando na sombra da noite os segredos daquele dia único. Por isso, João fala desta conversa **com algum pudor**. Sabemos apenas que foi íntima e longa...

Tudo começara assim: O Baptista apontara para Cristo, o Cordeiro. E eles, atraídos pelo olhar d'Aquele desconhecido, “cheios de curiosidade, decidiram segui-l’O à distância, quase tímidos e embaraçados. Até que o próprio Jesus, voltando-Se, perguntou: «*Que procurais?*»... Suscitando assim aquele diálogo que daria início à aventura de João, de André e de Simão”¹. Diante de uma pergunta tão direta, veem aumentar a sua surpresa e respondem com outra pergunta: «*Mestre, onde moras?*»? Ele perguntou-lhes **o que** procuravam e eles responderam **a quem** buscavam... Não respondem à pergunta de Jesus, mas querem entrar na intimidade do desconhecido. Não procuram uma coisa, nem sequer uma ideia ou uma verdade. Procuram uma pessoa. «*Onde moras?*»? Procuram Alguém com quem viver, alguém cuja vida possam partilhar. Pediram-lhe a sua amizade. A sua companhia. A sua intimidade. E Jesus abriu-lhes o coração de par em par. E os seus corações inquietos sentiam-se como se tivessem chegado a casa.

Com Jesus é sempre assim. “Quando tratamos algo com Ele, a pergunta é sempre invertida: de interrogantes, tornamo-nos interrogados, de «procuradores»

¹ JOÃO PAULO II, *Mensagem para o XII Dia Mundial da Juventude*, n. 2.

passamos a «procurados»; é Ele de facto o primeiro que desde sempre nos ama. Esta é a dimensão fundamental do encontro com Cristo: não se está diante de uma coisa, mas de Alguém «Vivo». Os cristãos não são discípulos de um sistema filosófico, são homens e mulheres que fizeram na fé a experiência do encontro com Cristo”². “Quem tiver um conhecimento apenas do Jesus histórico (fruto da curiosidade) e nunca se tiver encontrado (na intimidade) com Cristo Ressuscitado, nunca perceberá a fé da Igreja e a relação desta com Jesus Cristo”³. Por isso, o apelo do Evangelho pode concretizar-se, em duas direções:

1ª. Buscar Jesus. Fazer d’Ele, a única orientação do espírito, a única direção da inteligência, o único desejo da vontade, a morada primeira e a pátria última do nosso coração. «Não tenhais medo de aproximar-vos d’Ele, de passar a entrada da sua casa, de falar com ele face a face, como se convive com um amigo (...) Derrubai, assim, as barreiras da superficialidade e do medo”⁴ “para que as perguntas que brotam do coração humano, diante do mistério da vida e da morte sejam dirigidas a Ele. De facto, só d’Ele se podem receber respostas que nem iludem nem desiludem”⁵!

2ª. Encontrar o Mestre, onde Ele está: no segredo da oração, na Luz da sua Palavra, na intimidade da Eucaristia, na comunhão da sua Igreja. Para isso, «conversai com Jesus na Oração e na escuta da Palavra; saboreai a alegria da Reconciliação no sacramento da Penitência; recebei o Corpo e o Sangue de Cristo na Eucaristia”⁶. E, como os discípulos, naquela outra tarde inesquecível, em que lhes ardia o coração ao escutar e ao pressentir Jesus, dizei baixinho: *Ficai connosco, Senhor!... Na verdade, Eles foram ver onde Jesus morava e ficaram com Ele nesse dia... E, provavelmente, naquela noite não conseguiram dormir com tamanha alegria!...*

² *Ibidem*, n.2.

³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral «Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor»*, n.14.

⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem para o XII Dia Mundial da Juventude*, n.3.

⁵ *Ibidem*, n.2

⁶ *Ibidem*, n.3

Homilia no II Domingo Comum B 2000

1. Um acólito distraído responde, por engano, à chamada. Pronto para todo o serviço, mas a dormir, quando é chamado! É tão rápido na resposta, como lento na escuta. É Samuel, que passava horas a fio no Templo e conhecia bem os cantos da casa. Mas, desgraçadamente, o hábito do toque para a oração, tornara-o meio surdo ao chamamento de Deus. **Ouve, mas confunde a voz.** Responde, mas engana-se quanto Àquele que o chama. Samuel, apesar da frequência no Templo, ainda não distingue a voz de Deus das palavras dos homens. Sabia a liturgia de cor, mas «ainda não conhecia o Senhor». A voz de Deus faz-se então ouvir e a sua palavra é revelada. E, só por meio do sumo sacerdote Eli, Samuel chega então a compreender que não deve olhar para o lado, mas ouvir para cima. É Deus que lhe fala. Que chama. Que insiste. A sua prontidão em servir deve tornar-se esforço por escutar, silêncio para ouvir, diálogo, relação para conhecer. Antes de se pôr a pé, para servir ao altar, é preciso primeiro ajoelhar-se e dizer: «Falai, Senhor, que o vosso servo escuta». Porque o sacrifício agradável a Deus é ter ouvidos abertos. E a oblação esperada pelo Senhor é dizer «aqui estou» (Salmo 39).

2. Com a mesma prontidão, dois discípulos do Baptista, foram ver onde Jesus morava e ficaram com Ele nesse dia. Estes distinguiram com clareza a voz forte do Baptista da Palavra viva do Mestre. Lá no fundo, procuravam um «Salvador» e sabiam que era preciso entrar, para ficar. Que era preciso «morar», para «namorar». Que era preciso conhecer, para seguir. E, naquele fim de tarde, calaram os ruídos dispersos da estrada para se recolherem no abrigo suave da casa do Senhor. «Encontrámos o Messias». Diz André a Simão. E Pedro, seduzido pelo olhar fito de Jesus, ali ficou para ouvir o Mestre. O resto é conversa...

3. Caríssimos irmãos: Neste ano jubilar, dos dois mil anos do nascimento de Cristo, o Senhor continuará, porventura, a ser, para nós, um desconhecido?! Ou porque, como Samuel, já o confundimos com o padre e o perdemos na sacristia, ou porque a pressa das horas nos torna distraídos à sua presença, mesmo quando Ele passa mesmo «ao lado» de nós, como diante de André e dos outros discípulos. As duas leituras podiam servir de apelo a uns e a outros.

4. Aos que passam a vida dentro do Templo, pr'aqui a correr de oito em oito dias, às vezes, todos os dias, a necessidade ainda assim de parar... e reparar. De ouvir... e de escutar. De ver... e de rever. De entrar... e de conhecer. Porque o Templo serve-nos de abrigo, mas a morada de Deus e a habitação do Homem é o coração silencioso de cada um, onde Ele bate a todas as horas.

Aos que aqui passam de fugida, sem tempo para chegar e com pressa para sair, o apelo é o de «vir e ver». Ver e ficar. Ficar e permanecer. De modo que o ruído da cidade e as vozes altifalantes da rua se calem, por uma vez. E que a dispersão dos sentidos ou a agitação dos dias, deem lugar ao acolhimento, ao sossego do coração.

A todos, deixo o testemunho de um profeta, um pensador, um político, um analista, que partiu de nós, esta semana: Vítor Cunha Rego. Ele disse um dia: «Encontrei Cristo. É com ele, Cristo, que converso quando vou à Igreja, fora das horas do culto, para refletir... As igrejas, agora, com medo dos roubos, encontram-se frequentemente fechadas, fora das horas de culto! É uma pena!». Pois é. Digo eu. Mas as nossas estão abertas. E neste ano de peregrinações, de visita aos santuários, reitero o convite: «Vinde» mais cedo. Ficai mais tempo. «Vinde» mais vezes. Ide mais tarde. «Vinde» e vereis... se o quereis ouvir, sentir e conhecer!

Homilia no II Domingo Comum B 2003

Onde moras? Vinde e vede!

A resposta de Jesus não é imediata. Não diz tudo num dia. E nem parece que diga muito de uma vez. *Os discípulos foram ver onde morava e ficaram com aquele dia.* É uma resposta que se demora, que se dá à medida que o discípulo d'Ele se enamora. Mesmo que, obviamente, a marca daquela hora, *as quatro da tarde*, permaneça indelével nos seus corações. Doravante, o encontro com Cristo, prosseguirá, ora ao abrigo do silêncio de um *Templo*, onde parámos para rezar, ora nos *caminhos da vida quotidiana* que nos dão tanto que pensar. Ora no *ambiente familiar*, donde toda a vida parte e aonde vai sempre chegar. Daí o apelo a esta descoberta de Jesus, da sua pessoa, presença e mistério, nos vários espaços onde Jesus realmente hoje mora e nos enamora:

- em primeiro lugar, dentro de nós. «*Não sabeis que o vosso corpo é Templo do Espírito Santo, que habita em vós e vos foi dado por Deus?*» Perguntava São Paulo. Impõe-se, cada vez mais, na desordem reinante do ruído e da imagem, uma disciplina do corpo e dos sentidos, que nos permita sintonizar, em profundidade e em silêncio, com as ondas do Espírito, para não ficarmos à superfície de desejos mundanos e de necessidades corporais. Para rezardes com alma, rezai com o vosso corpo! «*Glorificai a Deus, no vosso corpo*».

- em segundo lugar, aproveitar a frequência do **Templo**, a vinda à Igreja, não para um exercício de rotina, mas para uma procura sincera e autêntica do Senhor. Habitados aos “cantos da casa”, como Samuel, corremos o risco de sermos pessoas «*de Igreja*», prestáveis até, mas incapazes, como Samuel, de distinguir a voz de Deus da do ruído dos homens. Incapazes de ouvir a Sua Palavra. O **Templo**,

na oração privada ou na oração comunitária, é o lugar «privilegiado» do nosso encontro com o Senhor. É preciso cuidar para que a «Igreja» não se transforme numa extensão da «praça», nem numa «estação de serviços». Porque ela é «casa da Oração», onde se deve aprender a rezar. E aqui a rezar bem.

- em terceiro lugar, «é dentro dos caminhos da existência quotidiana que podemos encontrar o Senhor», como André. Há que purificar a nossa visão das coisas e da vida, de modo a descobrir Cristo que “por ali passa” na esquina da rua, estampado no rosto do irmão, e que, por aí, nos cantos e recantos da vida, verdadeiramente nos prende ao seu olhar.

- em quarto mas primeiríssimo lugar, fazer da nossa casa um espaço onde Deus mora. Uma espécie de «santuário doméstico», onde não nos falte tempo para rezar. Para rezar no segredo do quarto e na comunhão da família. «**A família que reza unida, permanece unida**» (RVM 41).

Lembro-vos neste Ano do Rosário, o valor do Terço como «oração onde a família se encontra. Muitos problemas das famílias derivam do facto de ser cada vez mais difícil comunicar. Não conseguem estar juntos, e os raros momentos para isso acabam infelizmente absorvidos pelas imagens duma televisão. Retomar a recitação do Terço em família significa inserir na vida diária imagens bem diferentes – as do mistério que salva: a imagem do Redentor, a imagem de sua Mãe Santíssima. Assim os seus diversos membros, precisamente ao fixarem o olhar em Jesus, recuperam também a capacidade de se olharem sempre de novo, olhos nos olhos, para comunicarem, solidarizarem-se, perdoarem-se mutuamente, recomeçarem, dia a dia, com um pacto de amor renovado pelo Espírito de Deus» (RVM 41).

«**Rezar o Terço com os filhos**, educando-os desde tenra idade para este momento diário de “*paragem orante*” da família, não traz por certo a solução de todos os problemas, mas é uma ajuda espiritual que não se deve subestimar. Por que não tentar?» (RVM 42). Não quereis que a vossa Casa seja o lugar onde Cristo mora, se demora e vos enamora?

HOMILIA NO II DOMINGO COMUM B 2006

1. Se “o travesseiro é bom conselheiro”, nada como deitar e voltar a dormir, para acordar e discernir... essa voz tão estranha e tão profunda, que tira o sono a Samuel! Heli, serve de intérprete. Trata-se de um homem honrado, sacerdote zeloso do Templo. Mas não tem afinado o ouvido do seu coração, para distinguir, por entre vozes e ruídos, o eco da Palavra de Deus. Pese embora a rudeza do seu carácter, acaba por ser capaz de recomendar a Samuel a atitude certa: dormir sobre o assunto, e esperar que, pouco a pouco, se aclare o timbre daquela voz!

Samuel obedece-lhe religiosamente. É um jovem acólito, um rapaz dotado de espírito serviçal, sempre pronto para servir o próximo: «*Aqui estou, porque me chamaste*». Mas custa-lhe perceber os apelos e captar o mistério insondável de Deus na sua vida. E é pouco a pouco, que se vai colocando na posição fundamental, que é a de obedecer à voz íntima do Amor: «*Falai, Senhor, que o vosso servo escuta*»! Bela a resposta de Samuel! É a resposta pessoal, de um filho único, que a mãe tinha pedido, quando rezava no Templo e, cumprindo a promessa, o tinha oferecido ao Senhor. Mas agora, soou a sua hora; é tempo para Samuel, não apenas de fazer apenas o que lhe mandam, mas de ser fiel à vontade de Deus! É Deus que toma a iniciativa.

2. Do belíssimo relato da vocação de Samuel, gostaria de evidenciar **dois pormenores**, de grande interesse e atualidade para nós:

2.1. O primeiro, diz respeito a uma *circunstância* de tempo: “*nesse tempo, a Palavra de Deus fazia-se ouvir raras vezes*” (I Sam.3,1). É um tempo de escassez da Palavra. Dito de outro modo, a voz de Deus faz-se ouvir e sentir a Samuel, em tempos de muito pouca familiaridade com a Palavra de Deus; não digo que houvesse pouco

uso ou um desconhecimento total da Bíblia. Não. Os livros da Lei eram proclamados com toda a solenidade, no Templo. E a Palavra de Deus, era ouvida com muita reverência. Mas nem sempre era escutada, na frequência exata, na reta sintonia do coração e da vida. É que a Bíblia só se torna Palavra de Deus, “*quando esta é acolhida como palavra viva, que interpela, orienta e plasma a existência*” (NMI 39).

2.2. O segundo pormenor é de carácter mais pessoal: “***Samuel não conhecia o Senhor, porque até então nunca se lhe tinha manifestado a Palavra do Senhor***” (1 Sm 3, 8). Quer dizer: pese embora a sua frequência assídua no Templo, pese embora a sua fidelidade regular aos ensinamentos religiosos, Samuel «*ainda não conhecia o Senhor*». Não O conhecia, porque também a ele, «*a Palavra de Deus, ainda não se tinha manifestado*», em toda a sua beleza e riqueza! Isso confirma a nossa observação anterior: sem aquele contacto pessoal e familiar com a Palavra de Deus, «*acolhida como palavra viva, que interpela, orienta e plasma a existência*», não é possível conhecer o Senhor! Vai no mesmo sentido o Evangelho. Os discípulos têm de «morar» e de se «demorar» com Jesus, escutá-l’O atentamente, para verdadeiramente se enamorarem d’Ele e O conhecerem!

3. Irmãos e irmãs: não é diversa a nossa situação espiritual. Também nós vivemos um tempo de escassez da Palavra, que conduz a humanidade para «uma atrofia espiritual, um vazio do coração»! Não porque a Bíblia, seja pouco conhecida. Temos até um diário nacional, a vendê-la em fascículos, com o ruído da publicidade na TV. O que falta é aquela familiaridade, com a Palavra de Deus, estabelecida no diálogo íntimo e amigo com o Pai. Se é bem verdade, que os textos bíblicos são hoje mais lidos e a Palavra de Deus é servida com mais abundância à mesa da Liturgia, nem por isso, Ela é mais acolhida, de modo pessoal, vital e cordial, a começar por aqueles que frequentam assiduamente o

Templo! É verdade, por exemplo, que a nossa Catequese se inspira mais fortemente na Bíblia, mas falta ainda chegar a descobrir o Cristo vivo! É ele a Palavra que se fez Carne! É verdade que há muita admiração por Cristo. Mas falta conhecê-lo, segui-lo, e permanecer na sua Palavra. «Desconhecer as Escrituras é ignorar Cristo!»

4. Dizia-nos João Paulo II, no início do novo milénio: «é preciso consolidar e aprofundar esta linha», de renovada escuta da Palavra de Deus, sem a qual se perde o contacto com a fonte da santidade. E dizia que era preciso inclusive *difundir a Bíblia nas famílias*. E apontava até um método de leitura: «De modo particular é necessário que a escuta da Palavra se torne um encontro vital, segundo a antiga e sempre válida tradição da *«Lectio Divina»*, que *«permite ler o texto como palavra viva, que interpela, orienta e plasma a existência»* (NMI 39). Esta prática, promovida com eficácia, «produzirá uma nova primavera espiritual na Igreja», disse Bento XVI (16.09.2005).

5. Por tudo isto, iremos propor, para o início da Quaresma, às famílias das nossas comunidades, uma Semana Bíblica. Não se trata de (mais) um curso! Mas de uma experiência, de uma descoberta, de um encontro ao vivo, no Templo, nas nossas ruas e nas vossas casas, de modo a que a Bíblia se torne o nosso livro de cabeceira, a inspirar o sono do travesseiro (I Sam.3,3). Podeis certamente contar, em tirar algumas horas de sono! Não nos é pedido muito mais; bastará dizer: «*Aqui estou*». O resto é com Deus! Confiamos-nos à Palavra da sua graça (Act.20,32)!

HOMILIA NO II DOMINGO COMUM B 2009

1. Eis que Jesus passa pela nossa vida! E não passa ao lado... João Baptista «vendo Jesus que passava», apresenta-O a dois dos seus discípulos, como o Cordeiro de Deus, o Servo de Deus, humilde, que sacrificará e dará a sua vida, pela redenção de muitos! Aponta para Ele e sai de cena. E, os primeiros discípulos, ouvindo palavras de João, seguiram Jesus. Não vão atrás de uma doutrina, de uma ideia, de uma teoria. Seguem uma Pessoa! É esta mesma Pessoa, que primeiro os atrai, os vê, e se volta para eles e é resposta plena à sua insaciada busca de Deus! Na verdade, os discípulos não procuravam coisas. Ao que parece, «*uma só coisa desejavam: habitar na casa do Senhor, todos os dias da sua vida!*» (Sl 27,4). E por isso, querem saber «*onde Jesus mora*», como quem já se enamora dele e se demora, com Ele. E daquela hora, daquele dia, daquele encontro, André não pode mais guardar segredo. «*Encontrámos o Messias*», diz Ele a seu irmão. «*E levou-o a Jesus*». E é, de novo, Jesus, que primeiro olha para Simão, que o ama e chama pelo seu nome e lhe dá mesmo um novo nome. Doravante, a sua vida é outra, outra a sua condição, outra a sua missão!

2. Daqui, duas intuições e um desafio para a nova evangelização:

Primeira: «*Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, [Jesus Cristo] que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*» (DCE 1). De facto, quando Jesus irrompe na vida de alguém, seja ele André, João, Simão Pedro ou Paulo, necessariamente interrompe a normalidade de um percurso e rasga essa vida em duas partes desiguais: uma que fica para trás, outra que se abre agora diante de si (Fl 3,13), reta como uma seta, direta a uma meta, a um alvo, a um objetivo intenso e claro (Fl 3,14). Tão intenso e claro, que na vida de cada um, só pode haver um:

Cristo e mais nenhum. Diz São Marcos, referindo-se a este mesmo chamamento: «Eles deixaram logo as redes e seguiram-no» (Mc 1,14-20). É preciso deixar-se «olhar», seduzir, agarrar, e apanhar, por Cristo. Cristo passa por mim e eu “passo-me” com Ele, “passo-me” para Ele. Se não estivermos assim entusiasmados pela profundidade e pela beleza da nossa fé, não podemos verdadeiramente transmiti-la, nem ao irmão, nem aos vizinhos nem aos filhos, nem às gerações futuras.

3. Segunda intuição: «*Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-lo para si; tem de O anunciar*» (NMI 40). Foi assim com André, que levou Simão, seu irmão, a Jesus! Foi assim com Paulo, arrebatado por Cristo, no caminho de Damasco, a ponto de dizer: «*ai de mim, se não evangelizar*» (I Cor 9,16)! O nosso serviço de evangelização já não pode consistir simplesmente em evangelizar os outros, até um certo ponto, (por exemplo, até serem batizados ou crismados ou casados), mas em evangelizá-los, até que cada um sinta a necessidade de se constituir em evangelizador! Na verdade, quem algum dia se «passou» por este Cristo, também sentirá o desejo de o passar aos outros!

4. Ora, nós encontramos hoje, dentro da Igreja, e perante o mundo, com um grande déficit missionário! Temos uma comunidade cristã bem organizada; temos garantidos os serviços mínimos de assistência religiosa a quem ainda vem e nos procura; para tal, contamos com uma vasta rede de cooperadores; cumprimos os nossos deveres, “abastecemos-nos” dos sacramentos, e provavelmente até sairemos satisfeitos deste encontro dominical. Mas, depois, damos conta de que Cristo passa pelo meio de nós, mas já não passa tanto através de nós. Falta-nos paixão, garra, espírito de missão, desassossego, inquietação, com quem não veio, com quem ainda não conhece ou esquece esse Jesus. Deixámo-nos vencer pelo cansaço, pelos respeitos humanos, pelas desconfianças e medo das

hostilidades. E não difundimos o Evangelho, de coração a coração, de casa em casa.

5. Superar este *deficit de espírito missionário* constitui um grande desafio, para a nova evangelização! Esta é, para a Igreja, e para o futuro do cristianismo, na Europa, uma questão de «*vida ou de morte*». Portanto, a nova evangelização ou se fará convosco, queridos leigos, queridas famílias, com o empenho ousado de cada um, ou não se fará! Sozinho, eu jamais o poderia ou deveria fazer!

“Cooperadores precisam-se, para formar uma rede de evangelizadores. Já ouvistes chamar pelo teu nome”?!

HOMILIA NO II DOMINGO COMUM B 2012

1. Todos precisamos de bons guias, na nossa busca de Deus, que vem até nós, e Se nos revela em Jesus Cristo! Dissemo-lo, no domingo passado, a respeito dos Magos, que se deixaram guiar pela Estrela da Palavra, e procuraram alguns guias, que os encaminhassem ao encontro de Jesus. Mas também dissemos que só pode guiar e conduzir os outros, para fora de si mesmos, rumo a uma plenitude, que os faça crescer, *“aquele que vive primeiro o caminho que propõe”!* E citando Bento XVI concluíamos: para educar na fé, *“já “não bastam meros dispensadores de regras e informações; são necessárias testemunhas autênticas, que saibam ver mais longe do que os outros”.* Na verdade, *“a primeira e principal educação, vem através do testemunho”.*

2. A Liturgia da Palavra, neste início do tempo comum, vai precisamente neste sentido. Ela apresentava-nos, desde logo, na primeira leitura, a figura simpática de Samuel, um acólito de serviço, que procurava escutar e compreender, responder e corresponder à voz do Senhor. Mas Samuel não foi capaz de o fazer, nem de uma vez, nem por si só. Precisou sobretudo da orientação sábia de Heli, o sacerdote, para poder discernir, com clareza, o timbre pessoal da voz, que o chamava. No Evangelho, a verdadeira testemunha da luz, que guia os próprios discípulos para Jesus, é João Batista. João foi um grande educador dos seus discípulos, precisamente porque os conduziu ao encontro com Jesus, do qual deu testemunho, na vida e na morte! João não se exaltou a si mesmo, não quis ter para si, ou prender a si, os discípulos. João também era um grande profeta, a sua fama era muito grande. Mas, quando Jesus chegou, ele colocou-se atrás, e indicou-o à frente: *“«Eis o Cordeiro de Deus». Os seus dois discípulos ouviram João dizer aquelas palavras e seguiram Jesus”* (Jo.1,36). Na verdade, é pela indicação e pelo testemunho de João Batista, que os primeiros discípulos chegam a Jesus.

Inicialmente, são talvez apenas curiosos admiradores, que vêem Jesus passar, e vão atrás dele, mas depois tornam-se verdadeiros discípulos, que permanecem junto de Jesus, para O conhecer, amar e seguir pessoalmente. Mas, o que mais desejaria destacar deste facto, é que *“o verdadeiro educador não prende as pessoas a si, não é possessivo! O educador quer que o seu filho, ou o seu discípulo, aprenda a conhecer a verdade, e estabeleça com ela um relacionamento pessoal”*. O que se diz dos educadores da fé pode também dizer-se aos professores: *“Não deveis atrair os estudantes para vós mesmos, mas encaminhá-los para essa verdade que todos procuramos”* (Bento XVI).

3. Diríamos, assim, a partir do testemunho de Heli (o sacerdote, que se tornou verdadeiro guia espiritual de Samuel) e de João Batista, o indicador de Jesus, que o educador cristão *“cumpre o seu dever até o fim; não permite que falte ao filho ou ao discípulo a sua presença atenta e fiel, mas o seu objetivo é que o educando escute a voz da verdade a falar ao seu coração e a siga, através de um caminho pessoal”* (Bento XVI). Esse caminho pessoal é testemunhado por André e o outro discípulo: desafiados por Jesus: *“«vinde e vede», foram ver onde morava e ficaram com ele nesse dia”* (Jo.1.38). Uma experiência tão marcante, tão pessoal e decisiva, que um deles, possivelmente o redator do texto, registou a hora: *“eram quatro horas da tarde”!* Assim se vê, que no princípio da fé, *«ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, Jesus Cristo, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”* (Bento XVI, D.C.E. 1).

4. Na verdade, só pode guiar os outros, quem se deixou encontrar por Jesus e fez d’Ele o seu caminho, verdade e vida. Por isso, André, o novo discípulo, chamado e encontrado por Jesus, torna-se também Ele guia, para seu irmão Simão. Ele diz-lhe: *“Encontrámos o Messias. E levou-o a Jesus”* (Jo 1,41-42). Diríamos então que todo o verdadeiro discípulo, chamado e agarrado por Cristo, se depressa se

tornará, seu enviado ou missionário! Pois, «quem encontrou Cristo, não o pode guardar para si» (Bento XVI):

5. Caríssimos educadores (pais e padrinhos, catequistas, dirigentes escutistas):

“Educar é muito trabalhoso, às vezes é árduo, para as nossas capacidades humanas, sempre limitadas. Mas educar torna-se uma maravilhosa missão, se a cumprimos em colaboração com Deus, que é o primeiro e verdadeiro educador de todos”. Somos templo de Deus e somos habitados pelo Espírito Santo (cf. 2ª leitura). Ora, *“é o Espírito Santo que dá testemunho”* (I Jo 5,6). Esta certeza dá-nos *“um grande conforto, no empenho de educar na fé, porque sabemos que não estamos sós, e que o nosso testemunho é sustentado pelo Espírito Santo (Jo 15, 26-27)”* (Bento XVI). É muito importante para todos os que têm a missão de ser bons guias, *“acreditar fortemente na presença e na ação do Espírito Santo, invocá-l’O e acolhê-l’O, mediante a oração e os Sacramentos. É Ele, de facto, que ilumina a mente e inflama o coração do educador, para que saiba transmitir o conhecimento e o amor de Jesus”* (Bento XVI).

Não desanimeis nunca, na obra educativa da fé. Nisto mesmo vos ajudará o Senhor, que fará de vós, como fez de João Batista, testemunhas, que iluminam e guiam os outros, como uma lâmpada, que dá luz sem fazer ruído!

Nota: as citações de Bento XVI são, em grande parte, retiradas da Mensagem para o Dia Mundial da Paz e da Homilia na Festa do Batismo do Senhor 2012 e ainda do discurso aos professores em Madrid a 19.08.2011.

Homília no II Domingo Comum B 2018

Que procurais? Onde moras?

1. Entrámos no Tempo Comum, para percorrer devagarinho “o pequeno caminho das grandes perguntas” (Tolentino Mendonça), das “inquietantes perguntas do Evangelho” (Ermes Ronchi), como estas duas, que hoje escutávamos: a de Jesus aos dois discípulos: “*Que procurais?*” e a destes a Jesus: “*Onde moras?*” (Jo 1,38). Na verdade, são as grandes perguntas, mais do que as respostas, que abrem a fissura e a fechadura do nosso coração, despertam e dilatam o nosso desejo de Deus, e nos põem em busca do sentido mais profundo da vida. Quando as perguntas fazem caminho na nossa vida, quando o nosso coração anseia por encontrar Deus e se põe a farejar o rasto da Sua presença, então entramos já no território da fé. Uma fé sem perguntas, sem dúvidas, sem inquietações, está coxa. Por isso, a linha que hoje nos distingue, do ponto de vista religioso, não é tanto entre *crentes* e *não crentes*, mas entre *buscadores* e *acomodados* (cf. Robert Wuthnow e Charles Taylor). Disse o Papa Francisco: “*Uma fé que não nos põe em crise é uma fé em crise; uma fé que não nos faz crescer é uma fé que deve crescer; uma fé que não nos questiona é uma fé sobre a qual nos devemos questionar; uma fé que não nos anima é uma fé que deve ser animada; uma fé que não nos sacode é uma fé que deve ser sacudida*” (Discurso à Cúria Romana, 21.12.2017). Por isso, quanto mais importante for a pergunta, mais tempo precisaremos de a habitar. É, pois, muito preciso viver bem cada pergunta, procurar sempre mais, para encontrar o Senhor. *Onde moras?* Deus gosta mais de habitar na ânsia do coração do que nas certezas da nossa razão.

2. Por isso, detenhamo-nos hoje a escutar a grande pergunta de Jesus: “*Que procurais?*”? Dito de modo pessoal: “*Qual é o teu desejo mais profundo? O que é que te move? O que é que mais desejas na vida?*”? Mais importante do que saberes o que

fazer, ou como o fazer, é deixares ressoar estas grandes perguntas, sobre «Que anseios se abrigam no teu coração? E quem te poderá dar o que te falta?»

3. Tendo em vista o Sínodo dos Bispos, sobre “os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, deixo três sugestões, para percorrermos juntos tal caminho:

1.º- *Escutar. Às vezes, como Samuel, somos muito prontos a responder a um qualquer serviço, mas temos dificuldade em discernir o chamamento do Senhor.*

Daí a importância e a necessidade do silêncio, de permanecer junto do Senhor, de O escutar e perscrutar, de morar e se demorar junto d’Ele, para d’Ele nos enamorarmos. O silêncio ajuda a recolhermo-nos em nós mesmos, a ouvir o nosso espírito, para o abrir depois ao Senhor. “Vinde e vede”, responde Jesus. Isso também significa: “Não digas nada, cala-te, permanece junto de Mim, em silêncio”.

2.º- *Mover-se, sair, arriscar.* Jesus deixa-Se encontrar por quem O busca, mas para O buscar é preciso mover-se, sair, arriscar. Deixar o conforto do sofá e calçar umas sapatilhas! Há que vencer a preguiça de quem não pede mais nada à vida. Vale bem a pena procurar até encontrarmos Aquele que o nosso coração ama.

3.º- *Deixar-se guiar.* Heli leva o jovem Samuel ao discernimento e à escuta da Palavra de Deus. E João Batista conduz os seus discípulos ao encontro pessoal com Cristo. A procura da vontade de Deus precisa de mediadores, de *figuras de referência próximas*, credíveis, coerentes e honestas, capazes de manifestar sintonia e oferecer apoio, encorajamento e ajuda, sem fazer pesar o próprio juízo!

Queridos pais e catequistas, professores e demais educadores, digo-vos a vós e a mim mesmo: sejamos guias atentos dos mais novos, acompanhem-nos com paterna e materna solicitude. Vivamos com generosidade a nossa própria vocação, de modo que a alegria do nosso encontro com Cristo e do serviço aos outros desperte neles o desejo de O procurar, de O seguir e de O servir, com aquela resposta que Deus espera: “*Falai, Senhor, que o vosso servo escuta*” (1 Sm 3,10).

HOMILIA NO II DOMINGO COMUM B 2021

1. Mestre, onde moras? Fosse o jovem Samuel a responder e diria que Ele mora no Templo, nesse Templo que Lhe era tão familiar, como a sua própria casa. A tal ponto que Samuel dormia ali, *sempre alerta para servir*, mas ainda com o ouvido embotado e desafinado para a escuta da Palavra de Deus. Apesar de conhecer bem os cantos da casa, Samuel ainda não conhecia o Senhor. Há muita gente assim, a vagarear nos nossos templos: gente voluntariosa e generosa, pronta a servir; gente que ouve missa inteira, e de corpo presente, mas, muitas vezes, são pessoas incapazes de distinguir a voz do Senhor; ainda não O conhecem, nem amam, nem seguem, nem servem, porque a Palavra de Deus nunca se lhes manifestou em toda a sua beleza e riqueza! Não basta, pois, frequentar e *morar* no Templo, se o coração não se demora e enamora na escuta d'Aquela voz que está à porta e chama à intimidade com Ele. Façamos deste Templo, que habitamos, lugar da escuta atenta da Palavra de Deus, do discernimento da voz do Senhor.

2. Mestre, onde moras? Fosse São Paulo a responder e diria que Ele mora dentro de nós, que Ele nos habita, neste Corpo que somos, como em seu Templo Santo. Santo Agostinho confessou-o assim: *“Vós estáveis dentro de mim, mas eu estava fora e fora de mim vos procurava. Estáveis comigo e eu não estava convosco. Chamastes, clamastes e rompestes a minha surdez”*. Para captar esta presença íntima de Deus, aprendamos a habitar de silêncio orante o nosso Corpo.

3. Mestre, onde moras? *“Os primeiros discípulos foram ver onde morava e ficaram com Ele nesse dia”* e ali se demoraram e enamoraram de Jesus, a tal ponto que João fixou a hora décima da sua *“Estrela da Tarde”*. Era por volta das quatro horas. E André não resiste a procurar o irmão Pedro, para Lhe dar a conhecer o Messias, que acabara de encontrar. A casa de Jesus tornou-se assim o lugar onde os discípulos entram não só para ficarem como hóspedes, mas também para se tornarem a nova família de Jesus, todos irmãos e todos de casa.

4. Mestre, onde moras? Fosse hoje Jesus a responder e talvez nos dissesse: *moro na tua casa, onde quero ficar, falar-te ao coração, onde te quero habitar e ser a tua Luz sobre a mesa, onde quero ser de casa para sempre. A experiência da pandemia põe em evidência o papel central da família como Igreja doméstica. De facto, “o fecho das igrejas às celebrações comunitárias, nos inícios da pandemia, deverá ter-nos aberto os olhos para descortinar um outro modo de ser Igreja, feito não só de liturgia e de oração [no templo], mas de vida quotidiana, até que toda a vida se torne oração e a oração [se transforme em] vida”*. Percebemos então como *“que talvez a primeira catequese seja a que é feita em casa, pelos pais, avós, tios, irmãos. Temos a oração da Eucaristia, mas há também a oração da manhã, da noite, antes das refeições e o terço, entre outras. É um desafio a redescobrir a oração doméstica, a promover uma autêntica espiritualidade familiar e levar a sério a Liturgia da Palavra em casa. São João Crisóstomo, dirigindo-se aos pais de família, dizia: «Com a vossa mulher e os filhos repitam juntos a Palavra escutada na Igreja. Voltem a casa e preparem duas mesas, uma com os pratos para a comida, a outra com os pratos da Escritura (...), façam da vossa casa uma Igreja»”* (CEP, *Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal*,15-16).

5. Preparemos o próximo Domingo da Palavra criando, em casa, um espaço digno para a entronização da Bíblia, à volta da qual nos reuniremos, ao menos, uma vez por semana, para escutar e partilhar em família o Evangelho dominical. Que o Ano da Família *“Amoris laetitia”*, a iniciar a 19 de março, com a marca de São José, seja ocasião favorável para intensificar o hábito de rezar, de escutar e de celebrar a Palavra de Deus, numa liturgia familiar, e de fazer a oração da bênção da mesa. Façamo-lo não para substituir ou dispensar a Eucaristia do domingo, celebrada em comunidade, sempre que nos for possível, mas para a preparar ou prolongar. Que este exercício familiar nos torne todos discípulos missionários de Jesus, prontos a procurar, a encontrar, a escutar, a crescer, a seguir e a servir o Senhor, com a prontidão interior de Samuel: *“Falai, Senhor, que o vosso servo escuta”* (1 Sm 3,9).

